



O USO DO CONTEXTO COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO COMBATE AS ALTAS TAXAS DE REPROVAÇÃO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS CURSOS DE ENGENHARIA

Adriana Ferreira de Brito – adrianaferreirabrito@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e Computação

Goiânia - Goiás

Cleiry Carvalho – cleiry@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de Educação

Goiânia - Goiás

Karina Rocha Gomes da Silva – karinarg@gmail.com

Universidade Federal de Goiás

Escola de Engenharia Elétrica, Mecânica e Computação

Goiânia - Goiás

***Resumo:** Os cursos de engenharia possuem um alto índice de reprovação nas matérias básicas, que são cursadas nos primeiros anos do curso. A baixa taxa de aprovação provoca uma grande taxa de evasão logo no início da vida acadêmica, ou resulta num prolongamento de tempo até que o aluno consiga se formar. Qual a razão para essa alta taxa de reprovação? Existe uma solução para o problema da baixa aprovação em matérias do ciclo básico? Qual a responsabilidade da Universidade com esse problema? Qual o papel do professor nesse cenário de reprovação nas matérias básicas? Qual a função do aluno para amenizar esse índice? Este artigo pretende propor algumas respostas para essas perguntas, atribuindo a Universidade, ao docente e aos alunos as suas responsabilidades com o processo de educação universitária.*

***Palavras-chave:** Aprendizado, Intertextualidade, Contextualização.*

1. ALTOS ÍNDICES DE REPROVAÇÃO NAS MATÉRIAS DO CICLO BÁSICO: UM CONJUNTO DE CAUSAS

Os cursos de engenharia possuem grandes índices de reprovação nos primeiros semestres, nas ditas matérias do ciclo básico, como, por exemplo, Cálculo I, Cálculo II, Álgebra Linear, Eletromagnetismo, entre outras. Observa-se que os índices de reprovação nessas matérias são expressivos em todas as engenharias, alia-se a alta reprovação o desânimo dos alunos por não estarem cursando as matérias próprias do curso, as matérias do ciclo profissional. A alta reprovação nas matérias básicas com o desânimo dos alunos resulta em uma evasão expressiva dos cursos de engenharia já nos



primeiros anos ou um atraso na formação do profissional para o mercado de trabalho (MELLO 2001, ARAÚJO 2003, FILHO 2001).

Quais são as possíveis causas das altas taxas de reprovação nas matérias do ciclo básico? Para alguns pesquisadores, como João Carlos Correia (MELLO 2001) e Orlando Prado (FILHO 2001) uma das justificativas é o nível dos alunos ingressantes na universidade através dos processos seletivos unificados. Orlando (FILHO 2001), Léia Araújo e Arquimedes Ciloni (ARAÚJO 2003) também identificam como um dos pontos possíveis para explicar os altos índices de reprovação seria a deficiência dos docentes em transmitir o conhecimento no processo de ensino. Para Léia e Arquimedes (ARAÚJO 2003) a postura do discente e a sua prática no meio acadêmico são fatores que podem contribuir para baixo índice de aprovação nas matérias do ciclo básico.

De acordo com as pesquisas de João Carlos (MELLO 2001), Léia (ARAÚJO 2003) e Orlando (FILHO 2001) não há uma causa específica para os altos índices de reprovação nas matérias do ciclo básico, há uma série de fatores que em conjunto resultam em baixas taxas de aprovação nas disciplinas básicas dos cursos de engenharia. Considerando o tripé que a educação universitária se sustenta: Universidade, Docente e Discente, cada um terá a sua responsabilidade nas altas taxas de reprovação. Assim como não há uma causa única e não há somente um responsável não há uma única solução possível que consiga abordar todos os prováveis pontos causadores das altas taxas de reprovação. Com a identificação dos principais pontos que contribuem para as altas taxas de reprovação é possível propor possíveis soluções para amenizar o problema dos baixos índices de aprovação nas matérias básicas da engenharia. Por amenizar espera-se a redução da taxa de reprovação, uma redução da taxa de evasão dos cursos de engenharia nos primeiros anos e um aumento da taxa de aprovação com qualidade do conhecimento absorvido pelo aluno.

2. PERFIL DOS ALUNOS EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO E INGRESSOS NAS UNIVERSIDADES

Para João Carlos (MELLO 2001) e Orlando (FILHO 2001) os alunos ingressantes nos cursos de engenharia estão com defasagem em conhecimentos básicos para o aprendizado da profissão. A ausência do desenvolvimento lógico e matemático em alunos do ensino médio produz estudantes de engenharia deficientes em conhecimentos básicos necessários para os primeiros anos dos cursos de engenharia (FILHO 2001). Os alunos entram na vida acadêmica sem a bagagem mínima de conhecimento desejado para cursar o curso pretendido, ou mesmo sem conhecer o curso escolhido. João Carlos (MELLO 2001) vê a deterioração do processo seletivo uma das causas do pouco conhecimento de mundo que o aluno traz para a vida universitária.

A partir da década de 70 o 2º Grau, hoje Ensino Médio, sofreu alterações que gerou uma forma de acesso ao ensino superior através do processo seletivo com prova unificada (MELLO 2001). Passou-se a exigir que os alunos tivessem um conhecimento superficial de várias matérias prejudicando, assim, um conhecimento mais aprofundado em determinadas matérias que deveriam ensinar os conceitos fundamentais para o aluno ingressante na engenharia. Para Alfredo Bosi (BOSI 2008) o resultado do vestibular unificado foi um prejuízo do Ensino Médio que deixou de ser formativa para ser meramente informativo, e lucrativo para as escolas particulares e os cursinhos pré-vestibulares.



Observa-se que cada vez mais os alunos do Ensino Médio são treinados para obterem a aprovação no vestibular e não são formados enquanto cidadãos críticos que conseguem identificar e compreender fatos, fenômenos e elaborar hipóteses. Assim como a cultura de massa aliena as pessoas impondo gostos e necessidades, como afirma Umberto Eco (ECO 1976), o desejo de ingressar na cultura universitária aliena os estudantes do Ensino Médio num processo de decorar fórmulas e conteúdos em vez de interpretar os dados e atribuir-lhes um sentido, pois o importante para os jovens é a aprovação no vestibular independente do conhecimento que eles possuem e do conhecimento que é necessário na vida acadêmica.

As universidades federais, em especial a Universidade Federal de Goiás (UFG) especifica no Manual do Aluno o perfil desejado do aluno ingressante com características como: disposição para aprender, raciocínio lógico, cidadão crítico, tenha uma base sólida de conhecimentos gerais e seja capaz compreender o conhecimento de forma contextualizada. Porém observa-se que a universidade não está recebendo alunos com esse perfil e sim alunos somente com conhecimento necessário para a aprovação no vestibular. Se a universidade não está recebendo alunos preparados para a vida acadêmica o que é possível fazer para reduzir os índices de reprovação nas matérias do ciclo básico nos cursos de engenharia e reduzir a evasão, em especial, nesses cursos?

2.1. Processo seletivo diferenciado

A universidade não consegue alterar a forma que o Ensino Médio tem capacitado os alunos para ingressarem na vida acadêmica, mas é possível alterar a forma de ingresso. Em 2008 a UFG utilizou um processo seletivo diferenciado para o curso de Matemática que tinha o objetivo de sanar “deficiências do Ensino Médio e oferecer aos candidatos a real impressão do curso, ou grau de exigência, além de contribuir para a redução de evasão”, como informado pela Assessoria de Comunicação (ASCOM) da UFG (2008). O processo seletivo diferenciado da Matemática consistiu da prova objetiva da primeira fase, que foi eliminatória e classificatória, com a redação que foi classificatória. Os alunos classificados cursaram durante um semestre as disciplinas de Introdução ao Cálculo e Geometria Analítica, só foram aprovados para cursar Matemática os alunos que obtiveram a média através de três provas aplicadas em cada disciplina.

As faculdades de engenharia poderiam adotar um processo seletivo diferenciado em que o primeiro semestre seria uma amostra do que o aluno teria que enfrentar na vida universitária. O semestre amostral seria composto com poucas matérias, assim como ocorreu no processo seletivo para Matemática no ano de 2008, pois se o aluno não conseguisse cursar as disciplinas do processo seletivo ele abandonaria sem a pressão de ter abandonado a universidade e sim somente um processo.

O processo seletivo diferenciado tem os seus contras, mas pode ter a seu favor o ingresso definitivo de alunos capazes e interessados em cursar engenharia.

3. AS MATÉRIAS DO CICLO BÁSICO E O CONHECIMENTO INTERDISCIPLINAR

A deficiência do aprofundamento do conhecimento no Ensino Médio não é a única causa das altas taxas de reprovação. João Carlos (MELLO 2001), Léia e Arquimedes (ARAÚJO 2003) apontam que os professores não demonstram as relações entre os conteúdos das matérias do ciclo básico e os conteúdos do ciclo profissional. Os docentes ensinam as matérias de forma isolada e não usam da interdisciplinaridade para

transmitir o conhecimento necessário para conteúdos futuros, desta forma o aluno não consegue fazer a conexão dos conhecimentos.

Para definir o que seria a interdisciplinaridade entre as matérias do ciclo básico com as matérias do ciclo profissional faremos uma analogia com a intertextualidade definida na Linguística Textual (LT). Luiz Antônio Marcuschi afirma “que todos os textos comungam com outros textos” (MARCUSCHI, 2008, pg.129) da mesma forma os conteúdos de uma disciplina comungam entre si e com outras disciplinas. Saber reconhecer as relações explícitas e implícitas que os conteúdos de uma disciplina têm entre si é fundamental para o professor ter uma coerência disciplinar ao longo da disciplina, em analogia com a coerência textual que é colaborada pela intertextualidade. Mantendo a intertextualidade entre os conteúdos da disciplina o professor consegue manter a relação do conteúdo seguinte com o conteúdo anterior, mas é necessário que os conteúdos ensinados possuam sentido para os alunos utilizarem nas próximas disciplinas, em outras palavras é necessário que as matérias se entendam. Assim como Marcuschi (MARCUSCHI 2008) afirma que não há texto isolado e solitário é necessário que o professor deixe claro para o aluno que não há disciplina isolada e que as matérias básicas são as ferramentas utilizadas nas matérias do ciclo profissional (ARAUJO 2003).

Considerando cada conteúdo disciplinar como um conjunto de textos a serem tratados pelo professor, pois como define Marcuschi o texto é composto de ações linguísticas, sociais e cognitivas que produzem uma comunicação. É responsabilidade do professor identificar as relações entre os textos fornecendo assim conhecimento aos alunos para que possam reconhecer as relações implícitas e explícitas entre os conteúdos ministrados e as disciplinas cursadas (MARCUSCHI 2008, KOCH 2006). Da mesma forma que “todo o texto é um mosaico de citações” toda disciplina é um mosaico de conteúdos, estes são mosaicos de textos que o professor utiliza para transmitir o conhecimento sobre o assunto ministrado. Portanto os professores já utilizam da intertextualidade nas disciplinas que ministram, mesmo que inconscientemente, mas se a utilizassem para dialogar entre as outras matérias os alunos absorveriam um conhecimento maior tendendo a uma redução dos índices de reprovação, principalmente nas matérias do ciclo básico.

4. A CONTEXTUALIZAÇÃO DAS DISCIPLINAS COM A ENGENHARIA E COM A VIDA DO ESTUDANTE

Outro fator que contribui para as baixas taxas de aprovação nas matérias do ciclo básico é a falta de contextualização do conteúdo ministrado pelo professor com a engenharia e com a vida estudantil e profissional. Com a contextualização o aluno compreenderá mais facilmente o conteúdo transmitido pelo professor. Koch e Elias definem contexto como “um conjunto de suposições, baseadas nos saberes dos interlocutores, mobilizadas para a interpretação de um texto” (KOCH 2006). O contexto utiliza do próprio texto e dos conhecimentos dos interlocutores, entre os conhecimentos estão o conhecimento enciclopédico e do conhecimento da situação comunicativa. Koch e Elias definem por conhecimento enciclopédico o conhecimento que adquirimos através da convivência social e das diversas situações que vivenciamos (KOCK 2006).

Utilizando a definição linguística de contexto à contextualização das disciplinas com a engenharia seria utilizar o conhecimento enciclopédico da engenharia para ensinar os conteúdos interagindo sempre com situações do cenário profissional.



Ministrando a disciplina utilizando o contexto acadêmico, social e cognitivo o professor irá propiciar aos alunos retirarem as matérias da abstração teórica e matemática para a compreensão prática dos conhecimentos transmitidos, seja através de utilização do conteúdo nas matérias do ciclo profissional, ou através de práticas laboratoriais.

Para que a contextualização seja eficiente com as demais disciplinas o professor deverá utilizar um discurso que aborde o conteúdo envolvendo com os conhecimentos adquiridos anteriormente pelos alunos e retratando como o conteúdo atual será útil em disciplinas futuras. Por discurso deve se entender como uma prática linguística que envolva a situação, sendo que há vários gêneros do discurso conforme o enunciado que se faz (BAKTHIN 1992). O enunciado é formado pelo conteúdo temático, pelo estilo e pela construção composicional, no âmbito do ensino o conteúdo temático utilizado no enunciado do professor é o próprio conteúdo da matéria, o estilo vem da relação entre o professor e os alunos, e a construção composicional são as escolhas de palavras utilizadas na transmissão do o conhecimento (BAKTHIN 1992).

O professor usando da contextualização das disciplinas através do discurso em sala de aula utilizará do enunciado para transmitir o seu conhecimento verbalmente. Para que o seu enunciado atinja o aluno e consiga ensinar o que está sendo comunicado é necessário que o professor faça um tratamento exaustivo do conteúdo que está sendo exposto em sala de aula e relacione com os outros conteúdos bem com as demais disciplinas que o aluno já cursou, cursa ou irá cursar. A escolha do gênero do discurso, a forma do enunciado, irá facilitar o entendimento do intuito discursivo do professor pelos alunos deixando claro assim o que o professor quer dizer (BAKTHIN 1992).

5. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE: USO DA INTERDISCIPLINARIDADE E DA CONTEXTUALIZAÇÃO

A Universidade Federal Fluminense realizou a reforma curricular em 1994 e propôs que as matérias de Física e Cálculo fossem cursadas no mesmo semestre, sendo que a ordem dos conteúdos de Cálculo foi alterada para que os conteúdos necessários em Física sejam aprendidos antes de utiliza-los na disciplina, acrescentou-se também a contextualização histórica do Cálculo e a apresentação de aplicações dos conceitos aprendidos. Como resultado da interdisciplinaridade mostrada pelos professores e o uso da contextualização os alunos se mostraram mais motivados resultando numa redução da taxa de reprovação (MELLO 2001). A interdisciplinaridade e a contextualização das matérias ocorreram entre duas matérias do ciclo básico, mas podem ocorrer entre matérias do ciclo básico com as do ciclo profissional.

Na unidade de Volta Redonda, a partir de 1997, os professores do ciclo profissional passaram a ministrar as matérias do ciclo básico, desta forma os docentes ministraram as aulas focadas em conteúdos e situações que de fato serão utilizados no decorrer do curso. Os professores utilizaram do contexto e da interdisciplinaridade para ensinarem conteúdos que de fato serão utilizados nas disciplinas do ciclo profissional, os discursos dos professores serão direcionados com textos da engenharia e não serão baseados em fórmulas e deduções que não terão utilidades para a vida acadêmica do aluno.

6. O ALUNO E O APRENDIZADO DAS MATÉRIAS DO CICLO BÁSICO

Mesmo que a universidade altere o processo seletivo e o professor use do contexto e da interdisciplinaridade caberá ao aluno à dedicação nos estudos das matérias do ciclo



básico. Como constatou Léia e Arquimedes (ARAÚJO 2003) muitos alunos de engenharia, podendo generalizar para todos os alunos universitários ou do Ensino Médio, não estudam os conteúdos disciplinares diariamente ou frequentemente, por não estudarem frequentemente os resultados avaliativos são negativos e causam um conformismo nos alunos.

Os alunos preferem o abandono das matérias ditas difíceis do que encará-las com estudo. Sírio (POSSENTI 1996) afirma que a escola é um lugar de trabalho, portanto os alunos devem encarar a universidade como um local de trabalho e o estudo como um trabalho que deve ter responsabilidade. Para Sírio (POSSENTI 1996) a leitura e a escrita são trabalhos fundamentais para a aprendizagem e não devem ser usados apenas para avaliações, do mesmo modo o aluno deve encarar o estudo dos conteúdos básicos, pois eles são fundamentais para o entendimento futuro das matérias do ciclo básico.

Encarar o estudo como um trabalho não deve ser algo maçante para o aluno, pois ele cansará e não absorverá o conteúdo. Assim como a leitura de um livro deve ser algo prazeroso, como afirma José Luis Borges (BORGES 1979), o estudo deve ser algo prazeroso, deve ser um trabalho prazeroso. Do mesmo modo que um livro pode propiciar uma leitura prazerosa para um leitor e para outro não, o modo de estudar será diferente para cada aluno. A identificação do modo de estudar prazeroso caberá ao aluno e não ao professor ou a universidade.

Por modo de estudar o aluno deve compreender que é um trabalho além da simples resolução de exercícios, se o modo de estudar do aluno for à repetição de exercícios assim como no Ensino Médio ele não aprenderá o conteúdo e sim decorará para obter a aprovação nas provas. A prova da reprovação terá uma falsa solução, pois os alunos irão obter a aprovação sem ter o conhecimento e sim somente com informação provisória (conteúdo decorado). O aluno deverá compreender que o modo de estudar deve ser um modo crítico, um modo reflexivo teórico, como afirma John Holloway (2003) “O pensamento nasce da ira” e deve começar da vibração crítica, desse modo os alunos devem compreender que o modo de estudar não pode ser uma ação “mecânica” de reprodução de exercícios, mas deve ser um pensamento investigativo que procura entender quais as relações do conteúdo estudado com os demais conteúdos e quais as relações com o contexto da engenharia.

Tendo comprometimento com o trabalho de estudar, e realizando o estudo de forma crítica o aluno conseguirá fazer as relações de interdisciplinaridade e poderá contextualizar o conteúdo estudado com a engenharia.

A formação de um universitário crítico não é algo simples, mas sim trabalhoso, é preciso que o aluno leia para compreender o mundo a sua volta, questionar o mundo e o seu papel. Os alunos devem romper com a ideia de que engenheiros não gostam de ler, pois é através da leitura que se formará universitários críticos e preparados para fazerem a contextualização do conteúdo aprendido em sala com a prática profissional e com situações de mundo. Nesse sentido cabe ao aluno identificar os conhecimentos que estão deficientes ou ausentes e estudar o conteúdo que está faltando para aprender a matéria. Com a formação crítica o aluno aprenderá as matérias e não decorará simplesmente fórmulas para a obtenção da aprovação nas matérias.

7. OS ALUNOS APROVADOS POSSUEM CONHECIMENTO DE QUALIDADE?

A preocupação em reduzir as altas taxas de reprovação nas matérias do ciclo básico deve ir além da simples aprovação quantitativa de alunos. Deve-se atentar se o aluno



está absorvendo o conteúdo e relacionando com os contextos da engenharia ou se o aluno está com o mesmo hábito alienante de somente conseguir a aprovação conforme ele aprendeu no Ensino Médio. A aprovação nas matérias é para atender o mercado de trabalho ou para formar cidadãos críticos? Essa é a pergunta mais importante para propor a solução das altas taxas de reprovação.

As faculdades de engenharia, bem como outras ciências exatas (Economia, Administração), as ciências biológicas e as ciências humanas são setores educacionais que cresceram cientificamente durante a evolução do capitalismo e vivem um conflito entre os tecnocratas e os estudiosos que desejam pôr as ciências a serviço da democracia social, como afirma Alfredo Bosi (BOSI 2008). Com o desenvolvimento capitalista observa-se que as universidades, impulsionadas pelo estado e pelas empresas privadas, estão formando profissionais para atender as empresas multinacionais, e estas visam somente o lucro, e o estado mantém assim seu poder e sua segurança (BOSI 2008). Para Bosi “A passagem dos bancos universitários às práticas profissionais faz-se na base das fórmulas feitas, das receitas já fornecidas pelos usufruidores da situação” e esse mundo do receituário começa deste o ensino fundamental.

A vida acadêmica, portanto, está formando profissionais para sanar o mercado de trabalho, profissionais que executam suas atividades de modo receituário, não estão preocupadas com o conhecimento que os alunos absorveram na universidade. As taxas de aprovação baseadas em provas não demonstram se o conhecimento absorvido pelo aluno é um conhecimento de qualidade, demonstram que esse conhecimento atende as necessidades do mercado de trabalho. A preocupação dos altos índices de reprovação deve ir além dos valores numéricos e deve atingir o nível de conhecimento crítico que o aluno conseguiu atingir do conteúdo transmitido. A formação do conhecimento crítico é responsabilidade da Universidade, dos docentes e dos alunos, sendo que cada um possui a sua carga de responsabilidade.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

Capítulos de Livros:

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. [Tradução da versão em francês por Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. Revisão da tradução por Marina Appenzeller]. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277 a 326.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 308 a 345.

ECO, Umberto. **Obra Aberta**. [Tradução Sebastião Uchoa Leite] . São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 227 a 277.

HOLLOWAY, John. **Mudar o mundo sem tomar o poder** (Trad. E. Sader). São Paulo: Viramundo, 2003 página 9

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 49 a 143.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras. 1996. p. 15 a 56.

Artigos de jornais:

BORGES, Jorge Luis. **Borges para millones, entrevista feita na Biblioteca Nacional**, em 1979.

Trabalhos em eventos

ARAÚJO, L. S. A.; CILONI, A. D. **PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE REPROVAÇÃO: UM ESTUDO NO CURSO DE ENGENHARIA ELÉTRICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**. In: COBENGE, 2003, Rio de Janeiro. Acessado em: 23 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2003/artigos/OUT006.pdf>>.

FILHO, O. P. F. **O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E A REPROVAÇÃO NO CURSO DE ENGENHARIA**. In: COBENGE, 2001, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.abenge.org.br/CobengeAnteriores/2001/trabalhos/MTE006.pdf>>. Acessado em: 23 dez. 2012.

Internet:

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. ASCOM. **Notícias Vestibular terá 25 novos cursos e mais de 5 mil vagas** 26/08/2008. Disponível em: <<http://www.ufg.br/page.php?noticia=4538>>. Acessado em: 16 fev. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. **Centro de Seleção, Pró-Reitoria de Graduação. Manual do Candidato**. Disponível em: <http://www.vestibular.ufg.br/2013/ps2013_1/site/edital/Manual_do_Candidato_Web%285%29.pdf>. Acessado dia 10 fev. 2013.

USE OF CONTEXT AS A TOOL AID IN FIGHTING THE HIGH RATE OF FAILURE OF COLLEGE STUDENTS OF ENGINEERING COURSES

Abstract: *Engineering courses have a high failure rate in the basic subjects, which are routed in the early years of the course. The low pass rate causes a large dropout rate early in the academic life, or results in an extension of time until the student can graduate. What is the reason for this high failure rate? There is a solution to the problem of low adoption in matters of basic cycle? What is the responsibility of the*



University with this problem? What is the role of the teacher in this scenario failure in the basic subjects? What does the student to ameliorate this index? This article aims to propose some answers to these questions, assigning the University, the faculty and students their responsibilities with the process of university education.

Key-words: Learning, Intertextuality, Context